

**Do Gabinete Fotográfico a Pampulha: Representações de Belo Horizonte**

Luana Carla Martins Campos\*

**Resumo:** Essa comunicação busca estabelecer um diálogo entre dois tempos e espaços na cartografia urbana de Belo Horizonte por meio dos fotógrafos e de sua produção imagética. A partir das representações do novo espaço planejado pela Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) que foi fotografado pelo seu Gabinete Fotográfico (1894 – 1898), deseja-se discutir em que medida as obras do bairro da Pampulha (1936-1947) pretenderam modificar radicalmente o padrão de visualidade estabelecido na capital de Minas. Observa-se que o projeto desenvolvimentista de JK trouxe ares de uma modernidade industrial que rompeu com aquela modernidade estabelecida nos tempos da CCNC. Analisar o ofício dos fotógrafos que trabalharam nesses dois empreendimentos significa, assim, tentar revelar um dos vários suportes da memória de uma capital que já nasceu para ser moderna.

**Palavras-Chave:** Cidade – Fotografia – Belo Horizonte.

**Abstract:** This communication searches to establish a dialogue between two times and spaces in the urban cartography of Belo Horizonte by means of the photographers and its iconographic production. From the representations of the new space planned for the Construction Commission of Nova Capital (CCNC) that it was photographed by its Photographic Cabinet (1894 - 1898), it is desired to argue where measured the workmanships of the Pampulha's quarter (1936-1947) they had intended to radically modify the standard of appearance established in the capital of Mines. It is observed that the developer project of JK brought airs of an industrial modernity that breached with that modernity established in the times of the CCNC. To analyze the craft of the photographers who had worked in these two enterprises means, thus, to try to disclose one of the some supports of the memory of a capital that already was born to be modern.

**Key words:** City – Photography – Belo Horizonte.

**Dos tempos do Gabinete Fotográfico da Comissão Construtora da Nova Capital...**

A Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) foi uma instituição provisória em funcionamento de março de 1894 a janeiro de 1898, fundada com o intuito de estudar, planejar e construir a nova capital de Minas que brotaria da imaginação construtora de uma equipe formada, essencialmente, por engenheiros, arquitetos e construtores num período de apenas 4 anos. O local onde se instalaria a cidade foi definido depois de acalorados embates e críticas entre políticos e a opinião pública personificada nas colunas de jornais que circulavam no período.

A administração dessa organização foi dirigida, inicialmente, por Aarão Reis entre março de 1894 a maio de 1895 e depois transferida para Francisco Bicalho que geriu o

---

\* Licenciada em História pela UFMG e mestranda do Departamento de História pela mesma instituição na Linha História Social da Cultura.

empreendimento entre maio de 1895 a janeiro de 1898. Ambos eram engenheiros e defensores apaixonados da modernidade que se igualava, em certa medida, à liberdade do espírito construtivo e renovador, personificado e impulsionado pela República recém proclamada. Movidos pelo desejo de construção de uma cidade que abrigasse a sede econômica e administrativa do poder de Minas, tentaram por abaixo qualquer resquício de um passado rural e colonial representado pelo Arraial Curral D'el Rey, povoado que ocupava fisicamente o território do que viria a ser Belo Horizonte.

A estrutura da CCNC seguiu a partição em 6 divisões de serviços, todas diretamente subordinadas à direção da *1ª Divisão*, chamada de *Administração Central* e subdividida em *Secretaria* e *Almoxarifado*. Foi uma organização que revelou a tentativa de racionalização e ordenação das funções e que privilegiou a centralização das decisões nas mãos do engenheiro-chefe, refletindo o receio de que algo escapasse ao seu controle.

Essa estrutura, delineada em junho de 1894, foi modificada e ampliada em outubro do mesmo ano, momento em que a *1ª Divisão* passou a deter também três e não mais duas subdivisões: o *Gabinete do Engenheiro-Chefe*, o *Gabinete Fotográfico* e o *Observatório Meteorológico*, sendo que as duas últimas subdivisões estavam, até aquele momento, a cargo até da então *4ª Divisão – Estudo e Preparo do Solo*. A fotografia passaria a servir, então, não apenas de instrumento técnico que facilitaria os trabalhos de campo, mas a fazer parte da construção material e simbólica de Belo Horizonte.

Dentre os serviços ligados ao Gabinete Fotográfico, estava a execução "*de todos os trabalhos fotográficos que lhe forem cometidos expressamente pelo engenheiro-chefe*", o fornecimento de "*provas heliográficas dos desenhos dos projetos que tiverem de ser executados*" e o cumprimento de "*quaisquer trabalhos acessórios que convenha, de futuro, afetar-lhe*". (BARRETO, 1996, vol.2: 130). O funcionário encarregado para a direção desse serviço era chamado de condutor e era auxiliado por outro empregado, ambos sob a direção do secretário e todos sob as ordens do engenheiro-chefe.

Para a montagem do Gabinete Fotográfico, havia certas limitações técnicas que foram indicadas pela menção à ausência de uma sala de impressões e pela construção de uma câmara escura por uma turma de pedreiros sob a provável supervisão do engenheiro Adolfo Radice, então chefe dessa seção. Nessas circunstâncias, é provável que as fotografias tenham sido tiradas com a máquina do construtor português Francisco Soucasaux que veio para Belo Horizonte quando do início das obras de construção da cidade. Só em fins de maio daquele ano é que se consta ter sido a câmara escura construída, momento em já se encontram notas

fiscais revelando a compra de materiais fotográficos na mão de Marc Ferrez, renomado fotógrafo do Rio de Janeiro.

Em maio de 1895, o engenheiro-chefe Aarão Reis pediu a exoneração do cargo alegando problemas de saúde. Em seu lugar foi nomeado o engenheiro Francisco Bicalho, também ex-professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Após a posse do novo engenheiro-chefe, a CCNC passou por uma reestruturação e os funcionários do Gabinete Fotográfico que estavam sob a tutela da 1ª Divisão foram transferidos para a 3ª *Divisão – Serviços Municipais*, que ficaria responsável por serviços como tombamentos, distribuição e venda dos lotes, o controle das posturas e da polícia municipal, além da direção e fiscalização da higiene, da salubridade pública e dos estabelecimentos municipais. A tomada de clichês, contudo, não foi interrompida e é na gestão de Francisco Bicalho que algumas das fotografias passam a ser assinadas por João Salles e Raimundo Alves Pinto, experientes profissionais da fotografia em Minas Gerais. De maneira geral, a produção fotográfica da Comissão Construtora mirou a documentação da grande obra de engenharia que era a construção de uma nova capital sem se esquecer do registro do desaparecimento do antigo arraial e da divulgação da cidade tendo em vista a atração de investimentos e pessoas.

No momento em que a utilização da fotografia pela CCNC ainda estava submetida à 4ª *Divisão – Estudo e Preparação do Solo*, sinalizou-se de maneira expressiva o emprego da fotografia enquanto um instrumento técnico a serviço do progresso. Seu uso, com estreita relação à cópia de plantas, projetos, croquis, mapas e fachadas, demonstrou a aproximação da linguagem fotográfica ao desenho arquitetônico. A fotografia, nesse sentido, facilitava os trabalhos dos engenheiros e por isso era praticada por eles mesmos, motivo que, ao menos em parte, também explica a sua inicial subordinação à 4ª Divisão.

A partir da criação do Gabinete Fotográfico dentro da estrutura da Comissão Construtora, a linguagem fotográfica passou a ter um outro estatuto, voltada para a configuração de uma representação da cidade civilizada e, portanto, moderna. A sua dependência direta ao engenheiro-chefe demonstrou como os recursos fotográficos poderiam estar a serviço do imaginário idealizado pela elite mineira do período. Nesse momento, a produção fotográfica voltou-se, essencialmente, para a documentação da destruição do Arraial Curral Del Rey. O povoado que era sinônimo de primitividade, ruralismo e colonialismo, foi condenado ao desaparecimento, mas antes foi documentado fotograficamente para ser mostrado para gerações futuras como símbolo de superação.

Além dos registros do povoado gradativamente demolido, havia também um esforço em documentar a cidade que se erguia, uma iniciativa arrojada e que merecia,

portanto, ser celebrada através dos tempos. A documentação fotográfica das grandes obras da engenharia procurou demonstrar como a tecnologia moderna passava a condicionar o destino do homem e a cidade de Belo Horizonte representava para eles a própria realidade da civilização e do progresso. A fotografia tinha a missão de ser um instrumento de difusão dos avanços científicos, além de servir como prova, reprodução fiel da realidade. O poder comprobatório que a fotografia gozava no período atestava ao mundo a força renovadora da experiência da modernidade.

De qualquer forma, o olhar específico da cidade que se buscou formar era um olhar técnico, sob angulações e tomadas que valorizavam os edifícios que se erigiam, mostrando uma natureza dominada pela tecnologia que cedia lugar para a ocupação do espaço urbano. No momento em que o setor da fotografia da Comissão Construtora se submeteu à 3ª *Divisão – Serviços Municipais*, as principais fotografias obtidas foram exclusivamente imagens dos trabalhos da CCNC, como a construção de tubulações da rede de esgotos, calçamento de vias e finalização da construção das Secretarias e do Palácio Presidencial na Praça da Liberdade. São imagens em processo, possuem movimento e um ritmo de mudança latente.

A imigração é um marca dentre os praticantes da fotografia. Dos cinco indivíduos que se têm registros de sua atuação no Gabinete Fotográfico – Alfredo Camarate, Adolfo Radice, João da Cruz Salles, Raimundo Alves Pinto e Francisco Soucasaux são três imigrantes: Francisco Soucasaux e Alfredo Camarate de origem portuguesa e Adolfo Radice de ascendência italiana. Foram homens que, imbuídos da vontade de construir uma outra realidade em sua pátria nova, trouxeram máquinas, equipamentos e idéias. Nesse sentido, a representação de Belo Horizonte que se tentou construir partia de um referencial imagético oriundo, em grande medida, das cidades européias de onde esses imigrantes vieram.

Tais imagens de grandes reformas urbanas tinham também a função, comum na virada do século, de dar publicidade ao empreendimento, legitimando-o e atraindo gente e investimentos para a nova cidade. Foi com esse espírito que o Gabinete Fotográfico organizou publicações de álbuns que continham plantas e vistas dos principais edifícios que foram largamente distribuídos e vendidos. A publicação do "*Album de vistas locais e das obras projetadas para a edificação da nova cidade*", em 1895, contou com a colaboração de Ehrhard Brand, fotógrafo radicado em Juiz de Fora que foi empregado para a organização desse álbum. De acordo com o contrato firmado entre ele e o Estado de Minas Gerais, cabia ao Estado fornecer tanto os clichês das vistas do arraial quanto as plantas e projetos que serviriam para a preparação do livro. Além da produção desse Álbum em 1895, a CCNC

tratou de publicar a "*Revista Geral dos Trabalhos*" com alguma documentação fotográfica, mas que privilegiou as cópias de desenhos técnicos e de projetos. Fotos avulsas e cartões-postais também foram recursos de publicidade que viajavam para outras terras, uma vez que eram vendidos tanto em Belo Horizonte como na filial da CCNC no Rio de Janeiro.

A possibilidade de divulgação da capital que brotava no solo mineiro para além de suas serras deixava entrever a modernidade e civilização erguida na cidade. Os cartões-postais eram, portanto, uma forma fácil e atraente de difusão da propaganda da capital com o intuito de seduzir pessoas dispostas a investir na prometida metrópole. Nesse sentido, o universo simbólico produzido pelas diversas fases da produção fotográfica da Comissão Construtora, elaborou um *corpus* imagético da cidade de Belo Horizonte como a vitrine da modernidade que passou a viajar para muito além dos horizontes das gerais.

### **...aos tempos de Juscelino Kubitschek**

As imagens da transformação do Arraial Curral Del Rey que resultaram na construção de uma representação de cidade moderna foram posteriormente e exaustivamente reeditadas, relançadas e reproduzidas em revistas, álbuns, livros, jornais, cartões-postais e fotografias avulsas conformando o imaginário de uma cidade atendida com os propósitos da civilização e da modernidade. Esse foi um legado que a produção fotográfica dos anos e décadas posteriores à inauguração da cidade herdaram e que tocaram até o início da década de 1940 a memória da cidade de Belo Horizonte, mas que foi radicalmente modificado com o olhar reformador instaurado por JK.

A gestão do prefeito Otacílio Negrão de Lima (1936-1938) seguida da nomeação de Juscelino Kubitschek em abril de 1940 pelo interventor Benedito Valadares, no entanto, definiram um outro ideário de modernidade e progresso que se balizou no desejo de construir uma nova imagem para a cidade, diferente daquela criada com a Capital de Minas. Grandes obras foram iniciadas por Otacílio Negrão de Lima e seguidas por JK, como a abertura de avenidas, a canalização de córregos e a criação de novos logradouros. Neste contexto é que se insere a criação do bairro da Pampulha, internacionalmente conhecido pela arquitetura de Oscar Niemeyer, pelo trabalho paisagista de Burle Max, além de inúmeras obras das artes plásticas integradas ao ambiente realizadas por artistas como Cândido Portinari, Alfredo Ceschiatti, Augusto Zamoyski e José Alves Pedrosa. O desenvolvimento da indústria e do turismo era, de acordo com JK, a maior fonte de receita que a cidade poderia contar. Além disso, o projeto desenvolvimentista desse prefeito traria ares de uma modernidade industrial que romperia com aquela modernidade estabelecida nos tempos da CCNC.

A primeira grande obra de destaque no empreendimento reformador de Belo Horizonte foi a construção entre os anos de 1936 e 1938 da represa no Ribeirão da Pampulha. Ela foi projetada com o intuito de solucionar os graves problemas de abastecimento de água vividos pelos cidadãos além de destinar o lugar à prática de esportes aquáticos. Mas foi na administração do "prefeito furacão" – apelido que JK ficou conhecido – que o bairro da Pampulha ou "Cidade Turismo" ou ainda "Cidade Satélite" foi idealizado para se constituir em um centro de lazer e turismo que pudesse gerar renda para a capital. Um plano de obras de caráter monumental foi arquitetado, dotando aquele espaço de um cassino, uma casa de baile, um clube para a prática do golfe e uma Igreja, as quatro unidades que hoje formam o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, iniciadas em 1942 e inauguradas em 1943, mesmo ainda não estando prontas.

O Cassino, também conhecido como o Palácio da Represa, ou Grill Room, era freqüentado pela alta sociedade, atraída pelo jogo e pelos constantes shows de orquestras. Em oposição, a Casa do Baile foi concebida como espaço de reuniões e de diversões populares, estando ao lado contrário do Cassino. Por sua vez, o Iate Tênis Clube foi criado como espaço destinado ao desenvolvimento de práticas esportivas, principalmente a vela e o remo, aproveitando-se do potencial da Lagoa. A Igreja de São Francisco, localizada em uma das curvas da lagoa, tinha previsão de conclusão das obras para o final do ano de 1943. Contudo, aconteceram atrasos e esse cronograma não se cumpriu. A originalidade do projeto, com paredes e teto em forma de arco desde os alicerces e decoração especial, representou uma inovação na construção de edifícios religiosos, ganhando destaque na mídia. Aos olhos da Igreja Católica, porém, o projeto não era bem visto e mesmo depois de finalizada, a obra não foi consagrada. Também com o objetivo de atender às funções turísticas da Pampulha, a área do aeroporto foi ampliada e o mesmo passou a operar com vôos comerciais.

Como em qualquer feito desse porte, há uma preocupação com a aceitação da opinião pública em torno da obra. Ações para a divulgação da empreitada da Pampulha foram realizadas através de iniciativas da Prefeitura lideradas por JK em várias frentes: ele encorajou a vinda de caravanas compostas por intelectuais; estimulou a ocupação do bairro, fixando ele mesmo residência em torno da lagoa; publicou matérias pagas em importantes periódicos da cidade como ocorreu nas revistas "Bello Horizonte", "Vida Doméstica", "Revista Mineira de Engenharia", "Revista Minas Tênis", "Revista Comercial de Minas Gerais" e "Revista da Semana"; criou o "I Concurso de Fotografias de Belo Horizonte" em 1943, além de contratar fotógrafos para a documentação das obras em andamento e depois de concluídas.

O "I Concurso de Fotografias de Belo Horizonte", realizado em maio de 1943, contemplou a tomada de vistas da Pampulha feitas por populares. Os dois premiados foram Amável Costa (primeiro lugar) e Vicente Prates (segundo lugar). Foi uma maneira de vulgarizar o olhar sobre a Pampulha, tornando-a representativa para a cidade de Belo Horizonte. Além disso, destacar o tema da Pampulha sob a ótica de sua beleza, do entretenimento para os cidadãos e de seus atrativos turísticos e esportivos, era o olhar esperado, desejado e até induzido pelo poder público.

Nesse projeto de divulgação da Pampulha e da cidade de Belo Horizonte, entre setembro de 1942 e fevereiro de 1943, a Prefeitura da capital contratou o fotógrafo francês Marcel Gautherot para realizar o registro do Cassino da Pampulha, do Iate Golfe Clube e da Casa do Baile. Entre maio e junho de 1943, ele organizou também um álbum de fotografias das obras realizadas na região norte. Contratado novamente, no período de maio a julho de 1944, Marcel Gautherot executou outras fotografias do Cassino da Pampulha, do Iate Golfe Clube e da Casa do Baile, além de fazer reportagens técnicas sobre a construção da Igreja São Francisco e do Iate Golfe Clube.

Marcel André Felix Gautherot chegou ao Brasil em 1939, e logo no ano de 1940 fixou residência no Rio de Janeiro, momento em que passou a freqüentar o círculo de intelectuais ligados ao modernismo. Nessa ocasião, começou a fazer trabalhos de fotografia para o SPHAN, o Museu do Folclore e para a revista "O Cruzeiro". Ilustrou inúmeras publicações de arquitetura e muitos textos sobre Burlle Marx. No final dos anos 50, a pedido de Oscar Niemeyer, acompanhou a construção de Brasília. Suas fotos de Belo Horizonte são marcadas pela tomada em grandes angulares, vistas aéreas com destaque para a arquitetura e ângulos que mostram a beleza da Pampulha e a imponência de suas construções. Era a concretização perfeita da encomenda do prefeito.

Concomitante aos trabalhos de Gautherot, entre outubro e novembro de 1942, a Prefeitura contratou Elias Aun da "Foto Elias" – um renomado atelier fotográfico de Belo Horizonte – para a prestação de serviços fotográficos, como a tomada de vistas da capital e da Pampulha. Entre os meses de novembro de 1946 a janeiro de 1947, o poder público empregou outro conhecido fotógrafo da cena belo-horizontina para a tirada de fotografias do Hotel de Turismo da Pampulha: Gines Gea Ribera que desde a década de 1920 se anunciava como fotógrafo moderno na Belo Horizonte de Carlos Drummond e Pedro Nava.

Essa fúria reformadora na década de 1940 visou, como nos tempos da CCNC, apagar as marcas do passado, atropelando a história com uma mentalidade hegemônica que impunha o progresso a todo custo. Enquanto a Comissão Construtora inventou a capital de

Minas, Juscelino Kubitschek a reinventa com a dimensão utópica de construção de uma cidade modernizada, tornado velho qualquer traço de modernidade que existiu em Belo Horizonte anteriormente. A cidade ganhou novo ritmo e a paisagem urbana se expandiu para além dos limites da Avenida do Contorno – área central projetada por Aarão Reis – em marcha rumo ao norte de Belo Horizonte. Como nos tempos da CCNC, muitos lotes foram desapropriados e nova planta cadastral da cidade foi executada. Para Juscelino Kubitschek, a cidade precisava respirar novos ares, já que estava sufocada em seu provincianismo. Para ele, a Pampulha teria vindo "*como uma rima sonora no fim de um verso, encher de harmonias a vida tranqüila e quieta da metrópole incipiente.*" (REVISTA, 1943: 16).

Como no Conjunto Arquitetônico da Pampulha, no projeto do início do século XX da capital de Minas, pensou-se a cidade sob um caráter de monumentalidade e de ordenação dos acidentes naturais pela intervenção racional, mesmo que existindo a complementaridade entre o espaço e a grandiosidade da natureza domada. Além disso, ambos procuraram legitimar o empreendimento através de fotografias das obras em andamento e daquelas concluídas, com a publicação de notícias sobre as construções e contratação de fotógrafos para dar visibilidade aos seus projetos muito mal vistos pela opinião pública devido aos seus altos gastos. E quiseram o transnacional divulgando Belo Horizonte para além de suas serras. Pode-se dizer que a memória da cidade – de tamanho imensurável posto que é suporte de várias memórias – é como suas fotografias: imagens fixas que se repetem. A fotografia, portanto, tal qual outras manifestações culturais como a arquitetura, representou para diversos governos de Minas, em diferentes tempos, uma maneira visível e popular de novamente redefinir os conceitos de modernidade e de representação.

### **Bibliografia e Fontes**

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte**: memória histórica e descritiva. História Antiga e Média. 2 vol. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

BARTOLOMEU, Anna Karina Castanheira. *Pioneiros da Fotografia em Belo Horizonte. O Gabinete Fotográfico da Comissão Construtora da Nova Capital (1894-1897)*. **Varia História**, nº 30, julho de 2003, pp.37-66.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.]

CAMPOS, Darlí Vieira (org.). **Album de Belo-Horizonte**. Belo Horizonte: Typographia e Papelaria Castro, 1940.

- CARNEIRO, Juno Alexandre Vieira. *Imagens Decompostas: O Acervo Fotográfico do Arquivo Público Mineiro*. **MNEME – Revista de Humanidades**, vol.4, n.7, fev.mar. 2003.
- INSTITUTO Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. **Dicionário biográfico de construtores e artistas de Belo Horizonte: 1894-1940**. Belo Horizonte: IEPHA/MG, 1997.
- KOSSOY, Boris. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro**. Fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.
- LIMA, Solange Ferraz de & CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo**. Álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1997. (Coleção Fotografia: Texto e Imagem)
- LINHARES, Joaquim Nabuco. **Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Fundação João Pinheiro, 1995. (Coleção Centenário)
- PENNA, Octávio. **Notas Cronológicas de Belo Horizonte: 1711-1930**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997.
- PREFEITURA Municipal de Belo Horizonte. **Juscelino Prefeito: 1940-1945**. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte; Museu Histórico Abílio Barreto, 2002. (Catálogo de Exposição)
- REIS, Aarão. **Exposição apresentada ao Exmo. Sr. Dr. Chrispim Bias Fortes, Presidente do Estado, pelo Engenheiro Civil Aarão Reis ao deixar o cargo de Engenheiro-Chefe, em 22 de maio de 1895**. Rio de Janeiro: H. Lombaents & C., 1895.
- RELATÓRIOS dos Exercícios de 1940 e 1941, apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Benedito Valladares Ribeiro, Governador do Estado, pelo prefeito Juscelino Kubitschek de Oliveira. Prefeitura de Belo Horizonte, 1942.
- REVISTA **Belo-Horizonte na Palavra do Prefeito Juscelino Kubitschek**. Belo Horizonte, 1943.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997.
- SOARES, Pedro Brito. *A fotografia em estado latente – um retrato sem arquivos*. In: **Minas: minas: Memorial e Contemporânea**. [sl]: Casa da Serra (MG) e Museu da Imagem e do Som (SP), maio de 1999. (Catálogo de exposição)